



Encontro Inter-regiões - Sudeste

Região Sudeste - Evento Virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00435
INSTITUIÇÃO	Universidade Presbiteriana Mackenzie
CAMPUS	Higienópolis SP
CIDADE	São Paulo
UF	SP
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO16
TÍTULO	Intramuros: a história desvelada do Juquery, um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil
ESTUDANTE-LÍDER	Júlia Naddaf Remer
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Vinícius Prates (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Este livro-reportagem investigativo é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, que aliou uma vasta pesquisa e apuração às memórias de personagens marcantes que tiveram contato direto com o Juquery, um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil, conhecido pela superlotação e pelos maus tratos, característicos das instituições asilares daquela época. Fundado no século XIX, em 1898, no município paulista de Franco da Rocha, pelo médico Francisco Franco da Rocha, como Asilo Colônia da Sucursal do Juquery do Hospício de Alienados de São Paulo, a entidade, que buscou nas colônias agrícolas de reabilitação francesas a inspiração para o empreendimento, se alicerçava a um conceito ainda deturpado de "loucura", o que provocava internações em massa, muitas vezes diagnosticamente injustificadas, como ocorreu com Divina dos Santos Rodrigues, 62 anos. Nascida em Franco da Rocha, Divina não conheceu os pais biológicos, apenas a madrasta, Jandira, que a adotou ainda prematura e criou-a sob os preceitos do trabalho doméstico desde muito cedo. A violência também sempre esteve presente em seu cotidiano, o que, posteriormente, ocasionou sua ida, aos 13 anos, a um internato religioso em Atibaia, no qual permaneceu até os 18 anos. Anos após adentrar a instituição, sob o pretexto de uma "perda de consciência", as funcionárias do colégio decidiram que o melhor a ser feito era encaminhá-la ao hospital psiquiátrico. Em 1975, o Juquery oficializou-se como o lar de Divina, e assim se manteve, até meados de 1990. O local, aos poucos, eximia o caráter de "hospital" e transformava-se em um verdadeiro "depósito de gente", tendo alcançado seu apogeu em 1968, época da ditadura cívico-militar, com uma margem de 14.438 pacientes, exemplificando o fato de que o estabelecimento serviu não só como um asilo de "loucos", mas também daqueles que não eram quistos por políticos e militares. Durante anos reclusa, ela sentiu na pele o verdadeiro significado do sofrimento e da marginalização. Castigos físicos e psicológicos, abusos indiscriminados de medicamentos e brigas diárias faziam parte da rotina do Juquery, assim como a eletroconvulsoterapia, temida por todos os pacientes. Sendo assim, a proposta principal deste trabalho é mostrar como se dava o tratamento de saúde mental dentro de uma entidade psiquiátrica no Brasil, no caso, o Juquery, pelas vivências de uma paciente. Secundariamente, o objetivo é elucidar a população sobre a trajetória da psiquiatria, através de um resgate histórico, que dialogará com o panorama atual. Portanto, a pergunta-problema resume-se em: "É possível um livro-reportagem elucidar a população sobre a realidade intramuros de uma das maiores instituições manicomiais do Brasil, de modo a dialogar com o atual cenário da psiquiatria, através dos olhos de uma antiga interna?" Para responder essa questão, a obra conta com intensa apuração, além de depoimentos de pessoas próximas à personagem central e de funcionários que trabalharam no Juquery na época retratada, como a enfermeira Ana Maria Campanhola e o antigo carcereiro e paciente, Walter Farias. São exibidas discussões e falas de especialistas renomados do meio psiquiátrico, que fazem uma avaliação acerca do cenário atual da especialidade, aliada à toda polêmica que o cerca. O livro reúne um compilado de memórias pessoais e coletivas, que interligam-se e dialogam entre si, promovendo uma visualização honesta da vida em uma colônia psiquiátrica e permitindo, inclusive, a quebra de dogmas e preconceitos que permeiam, desde os primórdios, o conceito de "loucura". Esta modalidade jornalística foi escolhida por sua possibilidade de aprofundamento na história, o que viabiliza uma ampla abordagem de distintas temáticas, relacionadas direta ou

indiretamente ao Juquery. Permite também a utilização de imagens no decorrer do texto, ilustrando vivências e fomentando a imaginação do leitor.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Ao analisar o Hospital do Juquery desde seu advento, é possível notar, paulatinamente, seu papel social. No século XIX, quando fundada, a instituição se alicerçava ao conceito de loucura da época, que consistia em uma modalidade de exclusão, inserida em uma sociedade praticamente polarizada entre senhores e escravos, onde havia uma margem grande de "inadaptados" aos quais se buscavam reprimir e disciplinar, como demonstra Carneiro, no texto "Negros, Loucos Negros", presente na revista da Universidade São Paulo (USP, 1993). Com o avanço do capitalismo e o desenvolvimento industrial, a cidade paulista tornou-se uma opção para muitos, principalmente imigrantes. Consequentemente, seu crescimento foi inevitável, o que gerou uma concentração de pessoas miscigenadas socialmente, economicamente e moralmente. De acordo com Sonim, em seu livro "O Manicômio manda lembranças" (Saúde!Brasileiros, 2015), essas mudanças não agradaram a elite e o governo, que logo buscaram alternativas como forma de "higienização", sendo o Juquery, uma delas. Seu papel foi tão crucial que no século XX a entidade já passou a sofrer com a superlotação, tendo seu ápice na época da ditadura cívico-militar (1964-1985), intensificando a relação histórica entre as instituições de saúde mental e as graves violações dos direitos humanos. Em apenas dez anos, entre 1957 e 1968, o número de internos duplicou, de 7.099 para 14.438, como aponta Sá En, em sua tese de doutorado "Análise de uma organização pública complexa no setor da Saúde: o conjunto Juquery no Estado de São Paulo" (USP, 1983). Cada vez mais o conceito de Sociedade Disciplinar, discutida pelo filósofo francês Michael Foucault, em sua obra "Vigiar e punir" (Vozes, 2005), mostrava-se presente no Juquery, através do velamento da cultura espetacular dos castigos, que dava margem às políticas de correção e disciplina, voltada aos criminosos e, posteriormente, aos "loucos". Esta concepção também repensa a ideia de poder. Os "saberes" eram grandes aliados dos "poderes", ou seja, o conhecimento funcionava como uma espécie de instrumento de natureza estratégica, atuando como um dispositivo do poder que viabilizava e legitimava a aplicação de medidas soberanas. Partindo desta premissa, é possível estabelecer uma reflexão acerca do discurso do médico e da loucura, uma vez que, dentro do espectro do período da Sociedade Disciplinar, os médicos, julgados como profundos conhecedores da razão, viam-se capazes de fazer com que os alienados se redimissem dos comportamentos inerentes à loucura, sendo, portanto, destinados à internação. Sendo assim, o modelo manicomial surge como um alicerce à soberania e à disciplina, permitindo a exclusão de todos aqueles que não seguiam tendências normativas, através de práticas punitivas e de adestramento, como o abuso medicamentoso, os castigos físicos e o uso da eletroconvulsoterapia, camuflada como uma alternativa terapêutica, presente no Juquery e nos demais hospícios da época. A punição e a vigilância funcionam, neste sistema, como mecanismos do poder, utilizados para docilizar as pessoas, para que essas se adequem às normas estabelecidas nas instituições. A cultura dos manicômios só começou a se fragmentar no Brasil no fim da década de 1980, com o Movimento da Luta Antimanicomial, que resultou no surgimento dos primeiros Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), como demonstra Batista, no texto Breve história da loucura, movimentos de contestação e Reforma Psiquiátrica na Itália, na França e no Brasil (Universidade Federal de Pernambuco, 2014). Em 2001, a III Conferência Nacional de Saúde Mental, realizada em Brasília, firmou a obrigatoriedade do Estado na proteção e assistência de pessoas portadoras de doença mental, por meio da inserção das políticas da reforma psiquiátrica ao Sistema Único de Saúde (SUS) e a regulamentação da Lei Paulo Delgado, que garante direitos a esse nicho e redireciona o modelo de tratamento da loucura.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

O livro-reportagem foi escolhido como modalidade por permitir um maior aprofundamento nas memórias dos personagens e, portanto, uma autonomia ao autor referente à escolha do eixo de abordagem, o que possibilita, também, o uso de recursos variados, como a utilização de imagens que dialoguem com o texto, como aponta Lima, em "Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo" (Manoela, 2009). Para isso, quatro encontros foram realizados com Divina, em Franco da Rocha. Durante as visitas, questões acerca de sua infância e de suas memórias no Juquery foram levantadas e discutidas, de modo a permitir a recriação de cenários e a contextualização de suas vivências. Fotos também foram tiradas, tanto dela como de seus familiares. Em um dos encontros, foi feita a tentativa de entrada no Juquery. Entretanto, as autoridades do local não permitiram o total acesso aos estabelecimentos, e inviabilizaram o registro fotográfico. Com isso, fez-se necessária a utilização de fotos de terceiros, no caso, Osmar Bustos, fotógrafo do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, que esteve lá em 2016 e autorizou a publicação das imagens. Vários livros, artigos e reportagens foram utilizadas para embasamento da narrativa, tal como dados referentes ao número de pacientes presentes na instituição e informações sobre todo projeto arquitetônico da entidade, permitindo melhor visualização do Juquery, não só como instituição, mas também como um marco consolidado na história da psiquiatria brasileira. Realizou-se uma pesquisa de campo nos arredores do Juquery, com a observação detalhada da arquitetura da instituição, e também com conversas com moradores do município, muitos, familiarizados com o hospital. Houve, também, uma visita ao Centro de Atenção à Saúde Mental (CAISM), da Vila Mariana, em São Paulo, para melhor entendimento de como funciona uma entidade psiquiátrica atualmente, e também para a execução de entrevista com Jair Mari, professor titular do local. Todo trabalho que diz respeito à apuração jornalística, contato com fontes, pesquisa, decupagem e escrita, foi realizado exclusivamente pela autora da obra. Apenas a diagramação do produto contou com o respaldo de uma profissional. A obra trabalha com o jornalismo investigativo e possui forte caráter de denúncia, já que muitos relatos e informações expostas comprovam os maus-tratos e abusos presentes no Juquery. Sendo assim, fez-se extremamente necessária a exposição de diversos depoimentos, de modo a corroborar as lembranças da personagem central e também acrescentar informações, mantendo a imparcialidade característica do Jornalismo. A narrativa foi orquestrada de modo a fazer-se facilmente compreendida pelo enunciário, contendo algumas notas de rodapé, relacionadas principalmente à explicação de termos científicos e à bibliografia de informações citadas. Além de Divina, outras fontes foram utilizadas para o enriquecimento do texto. Entre elas, está a antiga enfermeira do Juquery, Ana Maria Campanhola, que firmou amizade com muitas das alienadas, inclusive Divina. Walter Farias, que deu origem ao livro "O Capa-Branca", também foi entrevistado, juntamente com o autor da obra, o jornalista Daniel Navarro Sonim. O depoimento de Walter foi de extrema importância, já que possui tanto a visão de funcionário, quanto a de paciente. A declaração de uma antiga moradora de Franco da Rocha, Elnira, também foi exposta, como forma de demonstrar a visão dos moradores da região em relação ao hospital psiquiátrico e seus pacientes. Por fim, alguns especialistas do meio psiquiátrico foram entrevistados, promovendo um debate acerca do panorama atual da psiquiatria. Dentre eles, está Jair Mari, já citado; Maria Alice Scardoelli, diretora do Departamento de Psiquiatria do Juquery; Paulo Amarante, presidente de honra da Associação Brasileira de Saúde Mental (Abrasme), e Antonio Rabelo, coordenador e criador do CAPS II da Universidade Federal da Bahia (UFBA).